



A “CARTA DAS ESTANCIAS THERMO-MINERAES DE PORTUGAL” (1908)

Luís Paulo Martins
Mário Gonçalves Fernandes

FLUP e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto,
Portugal
lmartins@letras.up.pt; mgfernan@letras.up.pt

Resumo:

As “estâncias” e as águas termais constituem uma ampla temática com grande visibilidade nos dois volumes das “Notas sobre Portugal” publicadas no âmbito da representação portuguesa à Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908. O primeiro desses textos integra a “Carta das Estancias Thermo-Mineraes de Portugal” elaborada por Tavares Pereira, autor de outras cartas significantes nos primeiros anos do século XX, algumas das quais foram objeto de estudo em trabalhos anteriores. As termas desempenharam e continuam a desempenhar um importante papel no desenvolvimento do país e contribuem, para além da capacidade de atração de visitantes, para reforçar a rede urbana, para a criação de serviços complementares, e ainda para diversificar os lugares turísticos, valorizando muito em particular as localidades nascidas na proximidade e no apoio às nascentes termais, muitas afastadas dos principais centros urbanos do país.

Notas sobre Portugal é uma obra que foi organizada no contexto da Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 e inclui dois textos sobre termas e águas minerais, um em cada um dos volumes que a integram. No primeiro volume, organizado por António Teixeira Júdice, um dos capítulos intitulado “Nascentes Thermo-Mineraes de Portugal” da autoria de António Maria da Silva, “Engenheiro de minas”, incidiu essencialmente nas questões de natureza geológica e de composição das águas, enquanto no volume segundo surge um outro texto da autoria de António Arroio, também organizador do volume, com o título “Praias e estações Thermais – Portugal, estação de Inverno”, incidindo no papel que as termas poderiam desempenhar no desenvolvimento do país. No primeiro destes textos encontra-se publicada a “Carta das Estancias Thermo-Mineraes de Portugal”, que constitui um documento cartográfico pertinente para ser enquadrado no projeto de investigação centrado na linha de cartografia e turismo que tem sido desenvolvido desde o IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica (2011).

Palavras-chave: Cartografia temática; representações territoriais; turismo.

O QUADRO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

As exposições universais, que tiveram como primeira edição a que foi realizada em Londres em 1851 e teve como âncora o “Cristal Palace”, assumiam como grande propósito dar a conhecer o estágio de desenvolvimento dos países em diferentes áreas de atividade, colocando em comparação os produtos e a criatividade das nações. “Intrinsecamente ligadas à Revolução Industrial, essas Exposições permitiram que os países mostrassem a sua cultura e o seu poder e exibissem os seus feitos arquitetónicos e tecnológicos”, como consta da página de apresentação do Bureau International des Expositions (BIE). Até 1928, ano da criação do BIE, sucederam-se os eventos sem que fossem salvaguardados aspetos essenciais de harmonização da organização desses certames e sem uma definição clara da respetiva importância.

As afinidades entre países podiam, de qualquer forma, justificar a representação nos múltiplos eventos organizados, que destacavam tanto a vitalidade do país organizador como o reconhecimento por parte dos diferentes países participantes. Menos de vinte anos depois da proclamação da República do Brasil em 1889, terá seguramente significado político a decisão de aceitar o “convite para se associar á comemoração” do “primeiro centenário da abertura dos portos do Brasil ao commercio internacional” (Presidencia, 1907, p. 987).



Assim a participação de Portugal numa exposição organizada no Rio de Janeiro vinte anos depois da implantação da República tem um significado incontornável quando “animado do seu constante desejo de afirmar os mais carinhosos affectos para com o país que tanto quer á terra preciosa que foi o primeiro a fecundar para a civilização”.

AS TERMAS E O CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO

O texto intitulado “Nascentes Thermo-Mineraes de Portugal” (volume I, pp. 245-267), tenta desenvolver dois grandes domínios temáticos relacionados com as águas termais: as características geológicas e geomorfológicas a par das propriedades e composição da água. O autor enumera as termas existentes e descreve, com abundância de informação, as particularidades distintivas das áreas nas quais se localizam as termas e em alguns dos casos a diversidade das fontes termais, com composição, temperatura e caudal. Ao longo do texto é estabelecida, esporadicamente, a comparação entre as termas nacionais e algumas das mais conhecidas e afamadas termas francesas, a exemplo de Vichy, Royat, Mont-Dore, Evaux ou Des Dames (Plombières).

Com base nos levantamentos de Paul Choffat são apresentados, ainda, vários perfis geológicos de alguns dos complexos onde se localizam algumas das principais termas e incluídas duas cartas geológicas, de Chaves – Estudo geo-hidrologico de Chaves, por Rego Lima de 1892 – e de Cucos – Carta Geológica dos Arredores do Estabelecimento Balneotherapico dos Cucos, Torres Vedras. As cartas estão disponíveis no Registo Nacional de Objetos Digitais (<https://mod.bnportugal.gov.pt/rnod>) onde se pode ler: Carta geológica de Portugal [Material cartográfico] / Direcção dos Trabalhos Geológicos; por J. F. M. Delgado, Paul Choffat; redução da base topographica e dos limites geológicos por L. Couceiro; gravura e composição das cores por L. Wuhrer, Paris. 3ª ed. - [Lisboa]: Direcção dos Trabalhos Geológicos, 1899. 1 mapa em duas folhas, folha norte e folha sul. Delgado, Joaquim Filipe Nery, 1835-1908, cartogr.; Choffat, Paul, 1849-1919, cartogr.; Couceiro, Luís Filipe de Almeida, 1851-1913, cartogr.; Wuhrer, L., fl.1874-1906, litog.; Portugal. Direcção dos Trabalhos Geológicos (url: <https://purl.pt/37302/service/media/pdf>).

Já no segundo texto (volume II, pp. 101-145) intitulado “Praias e estações thermaes — Portugal, estação de inverno”, é descrita a tendência dominante no país de ir a banhos entre os meses de agosto e outubro, ou seja, Portugal à época seria uma estação de verão, tanto pelas praias como pelas termas. A propósito da Figueira da Foz, é referido que aí se sucedem “em agosto, setembro e outubro; tres camadas sociaes diversas” (ARROYO, p. 102) que animavam a localidade e se divertiam no casino.

No texto é defendida, ainda, a tese da importância do país enquanto estação de inverno secundando a apreciação do Dr. Dalgado. Daniel Gelasio Dalgado na obra “The Climate of Lisbon and of the two Health resorts in its immediate neighbourhood. Mont’Estoril, on the Riviera of Portugal, and Cintra”, de 1906, enaltece as características climatéricas de Sintra e Estoril atribuindo-lhes qualidades ímpares e mais agradáveis do que outras estâncias nomeadamente do Mediterrâneo. António Arroio cita afirmações de Dalgado aqui em parte transcritas:

“O Mone’Estoril é um logar ideal de repouso, principalmente para os esgotados pelo trabalho, porque ahi dormirão melhor do que em qualquer outro sitio. É também uma esplendida estação intermediaria para as pessoas que voltam dos tropicos e desejam evitar os rigores de um inverno do norte; ou para os doentes a quem uma mudança de grande calor para grande frio seja extremamente prejudicial ou perigosa. Também pode ser recommendado aos que não supportam as habitações aquecidas artificialmente; porque no Mont’Estoril não ha necessidade de fogões nem de fato pesado. Em alguns casos de tuberculose pulmonar incipiente seria sem duvida vantajosa a estada ahi...” (in Arroio, p. 142).



O autor vê ainda no Algarve um enorme potencial a mobilizar, ainda que parte substancial do texto incida na estação de verão e na importância da “villegiatura” e da “indústria do hotel” no desenvolvimento do país como acontecia na França, na Itália ou na “Suíça”.

Para além das referências ao desenvolvimento onde o comboio, porque chegou ou porque se espera que chegue, desempenhou papel significante, a maior abundância de informação aponta para os efeitos terapêuticos das águas termais “indicadas para o tratamento de reumatismo, neurastenia, nevralgias, doenças uterinas, lithiases biliar e renal, atrophia muscular e artero-esclerose, ... arthritismo, syphilis, doenças utero-ovaricas [e com] virtudes anti-herpéticas...” (ARROYO, 1908, pp.123-125).

Falta, no entanto, cosmopolitismo como o autor afirma logo no início do texto, ainda que reconheça, afinal, que o mesmo talvez exista na Foz do Douro, na Figueira da Foz ou no Estoril, assim como faltam estudos que Ricardo Jorge ou Joaquim António dos Reis Tenreiro Sarzedas, já tinham iniciado numa óptica higienista e positiva.

ENQUADRAMENTO E PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO

A análise da “Carta das Estancias Thermo-Mineraes de Portugal” insere-se no esforço de conhecimento e enquadramento do contributo da cartografia para o desenvolvimento do turismo em Portugal, pelo que, como já foi afirmado noutras oportunidades, “procurando cruzar abordagens entre a cartografia e o turismo e mostrar a estreita relação entre a produção cartográfica, o conhecimento do país e o esforço pelo desenvolvimento, criando contextos de apelo à entrada de visitantes e ao turismo como instrumento de abertura de Portugal ao exterior, abordou-se e relevou-se a produção e difusão de cartografia dos inícios do século XX” (FERNANDES, 2021).

Nesta perspetiva, centrada essencialmente no tratamento do acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal, bem como com o recurso a exemplares existentes na Biblioteca Municipal do Porto, abordou-se o «Mappa excursionista de Portugal» publicado pela Sociedade Propaganda de Portugal, em 1907 (V SLBCH, 2013) e também a “Carta de Portugal com a Rede ferro-viaria, Principaes thermas e pontos de interesse a visitar” (1907) (VI SLBCH, 2015), esta igualmente da autoria de Tavares Pereira (Co.ou e Des.) (<http://purl.pt/22214/2/>).

É na continuação deste percurso, abrindo um *interlúdio*, que se acrescenta agora este documento, de 1908 - “Carta das Estancias Thermo-Mineraes de Portugal”, 1908, 1:2.000.000; Co.ou e Des. Tavares Pereira, a cores, entre pp. 266-267 –, com ligações evidentes aos documentos anteriores (principalmente à “Carta de Portugal com a Rede ferro-viaria, Principaes thermas e pontos de interesse a visitar”, do mesmo autor) e cujas características se adequam à obra em que está inserida, decorrendo também, naturalmente, das opções do cartógrafo/desenhador e das especificidades da informação temática então disponível.

O CONTEÚDO DA CARTA

O documento central neste texto tem como título: “Carta das Estancias Thermo Mineraes de Portugal” (Figura 1), tem a data de 1908 e a referência a uma escala numérica 1:2000000, verificável em suporte digital na dimensão de 100%. Trata-se de uma carta a cores figurando o vermelho, o castanho, o azul e o preto, para contornos, e linhas. O vermelho está associado a águas “bicarbonatadas” e ao comboio, o castanho a águas “sulfúreas” e o azul a águas “salinas chloretadas”, ainda que na legenda conste “chloratadas”.



Encontram-se representadas cinquenta e quatro (54) estâncias termais, 48 das quais a norte do Rio Tejo. A utilização de simbologia uniforme – retângulos de pequena dimensão – permite tão só a identificação das grandes tipologias que António Arroio adotou e Tavares Pereira verteu em carta. Outras leituras hierárquicas a exemplo da diferença de caudais entre nascentes ou da quantidade de utentes não estão disponíveis. O número registado de cinquenta e quatro estâncias termais, é ligeiramente inferior aquelas que estão registadas na atualidade na Direção Geral de Energia e Geologia, com estatuto “em atividade” ou “com atividade suspensa”, que são em número de sessenta e duas. Acrescente-se que na obra de Ramalho Ortigão “Banhos de Caldas e Aguas Mineraes”, de 1875, o número de termas identificado é de trinta e nove e na carta da Sociedade Propaganda Nacional, “as aguas minerais principais”, correspondem a treze.

NOTAS DE FECHO

O estudo das águas, das caldas, de fontes ou de outras origens e designações, continuava no início do século XX a constituir um tema essencial ao reconhecimento dos recursos endógenos do país. Conferindo destaque às propriedades terapêuticas das águas, suscetíveis de melhorar a qualidade de vida das populações quando utilizadas adequadamente, os textos incluídos nas “Notas sobre Portugal” destacavam igualmente a importância para o desenvolvimento de tantas áreas do país sobretudo e quando pudessem os transportes, a começar pelo comboio, permitir chegar um significativo número de visitantes que, numa linguagem mais atual, contribuíssem para o desenvolvimento dos territórios de baixa densidade.

Desde o século XVII (LEONARDO, et al., 2011) foram promovidos estudos sobre as qualidades e efeitos das águas, aprofundados nos séculos XVIII e início do século XIX, com a introdução de novas técnicas de análise que foram promovendo estudos das estâncias mais conhecidas e frequentadas. A publicação, da autoria de Ramalho Ortigão, “Banhos de Caldas e Águas Minerais” de 1875, permite muito ampla difusão de informação sobre as termas existentes bem como enuncia princípios de comportamento perante a utilização dos banhos e a ingestão de água. A obra, no essencial, segue de muito perto e remete para a publicação “Trabalhos preparatórios acerca das aguas minerais do reino”, de 1867, da autoria do médico e químico Agostinho Vicente Lourenço.

Os banhos de Caldas terminam com os últimos dias do estio. O mez de outubro marca o termo das estações thermaes. Um dos prazeres das viagens, o melhor talvez, é esse - de voltar para casa. O viajante é durante a viagem uma personagem integrante do quadro, uma parte d'elle. O verdadeiro expectador, o dilettanti, estabelece-se diante das recordações. (ORTIGÃO, 1875).

Ramalho Ortigão, finalmente, declinou o convite de António Arroio, co-organizador das “Notas” e responsável pelo segundo volume, a elaborar o capítulo sobre «As Praias e as estações de aguas em Portugal». O autor do alto do seu estatuto de especialista incontornável no tema das termas declinou, com a elegância inexcusável do autor das “Farpas”, por não se encontrar “no estado de espírito necessário” e afirmando ter “falta de azul e de rosa em que molhar a ferrugenta penna”.

António Arroio tinha de qualquer forma razão ao tentar “...revelar o nosso país como excepcionalmente destinado a todas as formas de villegiatura e ao estabelecimento de estações de saude de todo o genero e para todas as camadas sociaes; e definir emfim o que se me afigura poder ser a solução do problema do fomento português.” (ARROIO, vol 2, p. xiv).

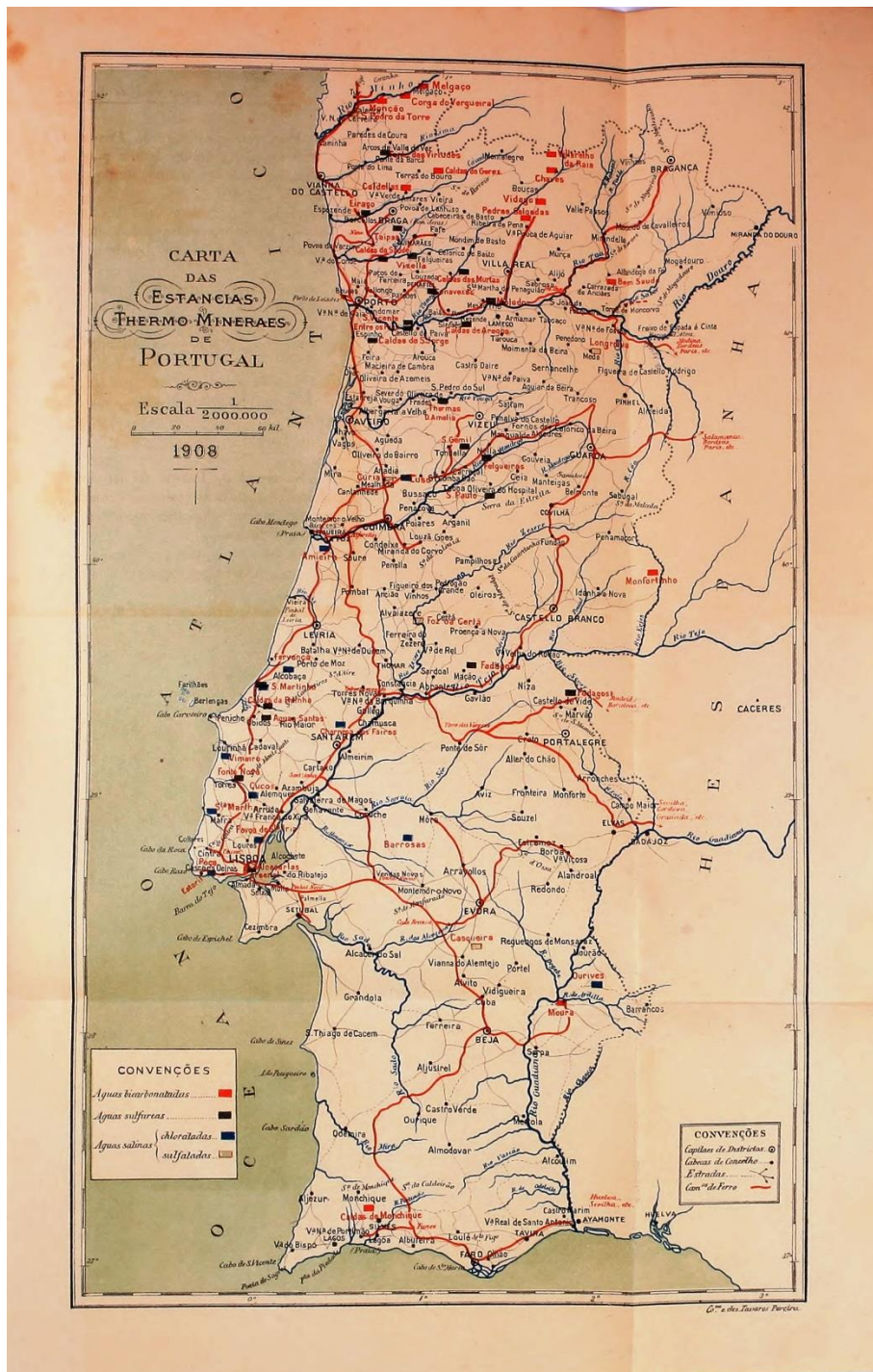


Figura 1 - "Carta das Estancias Thermo Mineræes de Portugal".



Figura 2 – Águas minerais naturais. Termalismo.
Fonte: Direção Geral da Energia e Geologia, 22/09/2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Antonio, **Praias e estações thermaes — Portugal, estação de inverno**. In ARROYO Antonio (org.) Notas sobre Portugal, Volume II. Lisboa: Imprensa Nacional, 293 pp., 1908.

FERNANDES, Mário (org.), **A Cartografia como meio de conhecimento: cidades, viticultura e turismo – posfácio com pretensão a interlúdio**, in A Cartografia como meio de conhecimento: cidades, viticultura e turismo, Porto, FLUP, pp. III-X, 2021.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca, **Aquilegio medicinal, em que se dá noticia das agoas de Caldàs, de fontes, rios, poços, lagoas e cisternas do Reyno de Portugal e dos Algarves que, ou pelas virtudes medicinaes que tem, ou por outra alguma singularidade, são dignas de particular memoria**. Lisboa Ocidental na Officina de Musica, 1726.



LEONARDO, António José F., MARTINS, Décio R. e FIALHAIS, Carlos, **O Instituto de Coimbra e a análise química de águas minerais em Portugal na segunda metade do século XIX**. Quim. Nova, Vol. XY, Nº, 1-12, 2011.

ORTIGÃO, Ramalho, **Banhos de caldas e águas minerais**. Porto: Livraria Universal, 135 pp., 1875. url: <https://books.google.pt/books>

PRESIDENCIA DO CONSELHO DE MINISTROS, **Decreto 28 de outubro de 1907**. Diário do Governo, nº 247, de 2 de novembro. Estabelecendo as bases da organização da secção portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro em 1908, pp. 987-988.

url's: <https://www.bie-paris.org/site/en/about-the-bie/our-history>